

## FACES DIALÓGICAS DA POESIA DE RUI KNOPFLI

*José Luís Landeira\**

**Abstract:** This article aims at analysing the importance of the relationship between portuguese language and literature for teaching purposes. In order to achieve our objective a poem by Rui Knopfli is analysed.

A língua portuguesa delinea um espaço que etimologicamente poderíamos chamar de lusofonia. Dadas as dimensões continentais do Brasil é muito comum que se desperceba a importância desse espaço internacional, principalmente em lugares de formação humana e intelectual, como a escola, por exemplo. De fato, a lusofonia permite, em sala de aula, uma exploração de variados conteúdos que, de forma muito natural, mediam a interdisciplinaridade, particularmente entre as disciplinas de Língua Portuguesa (que em muitas escolas se dividem em Gramática e Literatura), História e Geografia.

A língua portuguesa é falada no Brasil e em Portugal, como língua materna de milhões de habitantes. Além disso, ela é a língua oficial de outras seis nações independentes: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, na África e Timor, na Oceania; falada também por outros milhões. Números que impressionam, mas que representam algo muito maior, a existência da lusofonia, não como “adoção da língua portuguesa como língua de cultura ou língua franca por quem não a tem como vernáculo”<sup>1</sup>, na acepção do dicionário, mas antes como espaço comum entre diferentes nações e continentes que se utilizam do português como língua de identidade individual e, até mesmo, nacional. Suscita, portanto, interesse considerar-se um pouco do potencial didático desse diálogo entre as literaturas que se realizam primeiramente em língua portuguesa.

A literatura em língua portuguesa apresenta a possibilidade de se estudarem modelos de valores que aproximam esses países em continentes tão diferentes, mas partícipes de uma mesma experiência histórica que deixou profundas marcas na construção de suas modernidades. Antes de abordarmos a modernidade, pensarmos em duas experiências negativas e associadas de que essas nações participaram: a colonização e o escravismo. Podemos pensar também no processo de eliminação da cultura local imposto por Portugal às suas colônias. Surge, em um movimento dinâmico de similaridades históricas,

---

\* Professor da Universidade Estadual de Minas Gerais – Poços de Caldas

<sup>1</sup> FERREIRA (1986: 1053)

um campo de aproximação particularmente interessante entre Brasil e os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e que se opõe a Portugal, visto como metrópole colonizadora. Porém, como bem observa Benjamin Abdalla Júnior, “se Portugal impôs seus padrões, também foi marcado, por sua vez, pelo sistema que estabeleceu, ao voltar-se obsessivamente para o sonho do ‘ultramar’”<sup>2</sup>, ou seja, Portugal fez do Atlântico o caminho para a sua identidade de certa forma negada pela Europa mais ao norte. Neste sentido, os Pirineus constituíram uma barreira principalmente psicológica entre a Europa e a Península Ibérica, ao mesmo tempo que um mesmo jogo de interesses colonialistas afastava, pelo menos em um plano de superfície, Portugal e Espanha. Restava a Portugal encontrar-se como nação na própria história que construía com as suas colônias.

Atualmente, as ex-colônias vêm superando a situação de seu passado a favor de uma realidade mais democrática e humana. É uma construção lenta, que não desapercebe substratos milenares como importantes colaboradores para delinear novas culturas relativamente recentes. Mas se, hoje, o poder de Portugal como colonizador cede a uma relação fecunda de diálogo, essas ex-colônias, ainda assim, ficam facilmente expostas a novas pressões de um outro colonialismo cultural.

Um excesso de modernidade deixa tanto o Brasil como os países africanos de língua oficial portuguesa com o seu destino de futuro já traçado. Por modernidade entendemos um modo de estar no mundo orientado a partir de um conceito definido de fora para dentro e que se confunde, em certos momentos, com o avanço tecnológico. Ou seja, são é a Europa e os EUA que definem o conceito de modernidade que se vai tornando excessivo em seu caráter prático. O que chamamos aqui de “excesso” tem a ver com o que o antropólogo Marc Augé<sup>3</sup> denomina “aceleração da história”, ou seja, um período em que a superabundância factual e tecnológica desconcerta o homem alterando o seu estar no mundo e conduzindo até mesmo as elites intelectuais dos países desenvolvidos a repensar seus limites e identidade, o que não necessariamente significa uma melhora da condição humana. Impossibilitados de competir em tecnologia com o chamado primeiro mundo, nós, dos países subdesenvolvidos, assistimos em constante expectativa ao emaranhado de relações que tais países desenvolvidos constroem para si e lançamos para um tempo distante a tão desejada equiparação. Dessa forma, aparentemente, vivemos, tanto no Brasil, como em África, num constante passado em relação à Comunidade Européia e aos EUA. Esses ditam as regras do que é moderno e necessário para nós. Alienados de um presente moderno, vivemos presos a um passado que anseia constantes saltos para o futuro que apenas se realizam a grandes custos sociais, culturais e humanos. Por outro lado, a consciência

---

<sup>2</sup> ABDALLA JÚNIOR (1989: 18)

<sup>3</sup> AUGÉ, Marc (1994: 31)

da situação excessiva em que se vê o homem apenas serve para aprofundar as distâncias entre ricos e pobres.

Fica evidente, porém, no plano cultural, a presença de produções intelectuais engajadas que não se conformam ao pensamento neocolonialista alienatório o qual, munido dos aspectos sedutores da modernização técnica, constitui-se em um produto manipulador de sistemas de valores vigentes. Isso constitui-se em um verdadeiro desafio, pois significa manter uma unidade que ainda nem sequer bem se conhece, sem cair no isolacionismo. Num momento histórico de excessos, em que o termo “globalização” ganha, por uso tão comum, conotações de clichê, o escritor de língua portuguesa do Brasil, África e, agora, Timor, deseja o contato cultural com a antiga metrópole, assim como com outras nações de uma forma geral, abrindo-se para uma forma de contato que enriqueça a sua cultura e facilite o desenvolvimento de sua identidade. Longe de cultivar um olhar que se prende ao nativismo ou ao folclorismo, o escritor engajado mantém seus olhos em uma forma de modernização que não o aliene de suas raízes. E, se esse conceito de modernização inclui o avanço tecnológico, inclui também o diálogo dinâmico entre a cultura tradicional do país e a cultura externa, em um contínuo processo de construção da modernidade do espaço nacional. Concordamos com Antonio Candido, quando afirma que o escritor engajado deve superar uma atitude que reduz o sofrimento do homem rural ou do homem negro a “um equivalente dos mamões e abacaxis”<sup>4</sup>, o que, em outras palavras, seria continuar manipulado por uma mentalidade colonialista externa.

A medida que o escritor dá-se conta de que o conceito de modernidade em um país subdesenvolvido requer um olhar dialógico para o passado cultural, vai-se apercebendo, igualmente, da necessidade de desenvolver uma consciência crítica do elemento exterior. Consciência que, ao pôr à tona o fator tempo, se apercebe de que a busca pela modernidade é a busca pelo tempo presente, mas que esse presente está agora mesmo sendo realizado na comunidade a que o escritor pertence. Ou seja, não se confundem a condição de subdesenvolvimento com o passado, como se o presente se reduzisse a um desenvolvimento técnico-tecnológico que o país subdesenvolvido não possui e que deve encontrar no excesso plural lá fora. Assim não é a modernidade que o escritor procura no exterior, mas o diálogo, e esse diálogo conduz à modernidade, pois essa, como diz Octávio Paz<sup>5</sup>, “está dentro de nós”. O diálogo com outras culturas que de alguma forma se aproximam permite que perscrutemos o interior de nossa própria identidade cultural. Desenvolve-se um procedimento duplo em que por um lado se delineiam os limites de uma cultura que estabelece diversos pontos de interseção com o exterior e, por

---

<sup>4</sup> “Literatura e subdesenvolvimento”. In: - . A Educação pela noite e outros ensaios. São Paulo, Ática, 1987, p. 157 Apud ABDALA JÚNIOR (1989: 26).

<sup>5</sup> PAZ, (1990)

outro, motivam a apropriação dessa mesma cultura com a qual o escritor resgata sua identidade.

O estudo da literatura africana de língua portuguesa tece um diálogo entre tempos e modernidades, se pensarmos, como Octávio Paz<sup>6</sup>, ao afirmar que existem tantas modernidades como sociedades. Contudo vai mais além, ao conduzir esse processo “dentro de uma mesma dinâmica de comunicação em português que envolveu historicamente constantes semelhantes”<sup>7</sup> em um mesmo sistema de valores. Por isso, a proposta a seguir, de análise do poema “A pedra no caminho”, do poeta moçambicano Rui Knopfli, abre um horizonte de expectativas para que o leitor, que pode ser qualquer um de nossos alunos de ensino médio em sala de aula, encontre traços de sua cultura, inclusive a literária, a partir de uma literatura estrangeira que, como a nossa, não ocupa um lugar fulcral no cenário mundial.

A análise procura surpreender o valor expressivo e semântico de certos elementos lingüísticos presentes no poema, construindo, a partir deles, uma interpretação que se harmonize com os limites do texto, ao mesmo tempo, procuram-se estabelecer relações com a literatura de expressão portuguesa e a modernidade. Por limites do texto, desejamos nos orientar pelas idéias de Umberto Eco quando afirma que “o texto é um objeto que a interpretação constrói no decorrer do esforço circular de validar-se com base no que acaba sendo o seu resultado”<sup>8</sup>.

#### **A pedra no caminho<sup>9</sup>**

Toma essa pedra em tua mão,  
toma esse poliedro imperfeito,  
duro e poeirento. Aperta em  
tua mão esse objecto frio,  
redondo aqui, acolá acerado.  
redondo aqui, acolá acerado.

Segura com força esse granito  
bruto. Uma pedra, uma arma  
em tua mão. Uma coisa inócua,  
todavia poderosa, tensa,  
em sua coesão molecular,  
em suas linhas irregulares.

---

<sup>6</sup> idem

<sup>7</sup> ABDALA JÚNIOR (1989: 16)

<sup>8</sup> ECO (1993: 75,76)

<sup>9</sup> KNOPFLI (1962 no meio do caminho tinha uma pedra. (Carlos Drummond de Andrade, 1928)

Ao meio-dia em ponto, na avenida  
ensolarada, tu és um homem  
um pouco diferente. Ao meio-dia  
na avenida tu és um homem  
segurando uma pedra. Segurando-a  
com amor e raiva.

Difícilmente um leitor brasileiro deixaria, ao examinar o título do poema, de lembrar-se de uma outra pedra pertencente à sua própria literatura. “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade<sup>10</sup> faz parte da memória literária da maioria dos brasileiros leitores. O poema publicado originalmente em 1928, na revista *Antropofagia*, um marco dentro do que se tem chamado de Modernismo no Brasil, é republicado em 1930, no livro *Alguma Poesia*.

“No meio do caminho tinha uma pedra”. A análise da pedra no poema de Drummond conduz a uma experiência pessoal, única e transformadora. O eu diante do objeto que surge à sua frente resolve-se no olhar. A vida não é a do eu-lírico, mas a das “retinas tão fatigadas” absorvendo e impedindo-o de esquecer. A experiência existencial do eu, que encontra a sua identidade a partir da relação com o outro, mesmo que esse outro seja uma pedra.

Com a ressonância interdiscursiva do poema de Drummond, percebemos uma importante mudança de foco: Não é o ser diante da pedra que explana sobre a sua experiência pessoal, mas um outro que de fora da experiência se dirige ao destinatário que não é o leitor do poema e sim aquele que encontra a pedra no meio do caminho. Mas no meio do caminho ela não continua. “Toma” pode ser tanto o presente do indicativo como o imperativo. O eu-lírico confunde-se entre um narrador de acontecimentos no presente e alguém que ordena e manipula o seu destinatário. A tensão transfere-se da construção da identidade do eu, para a ação a partir do encontro dessa identidade. Como se o poema de Knopfli pudesse ser uma continuação do poema de Drummond. Uma vez encontrada a pedra, definido o eu, a ação exterioriza-se e procura uma dimensão social. Desta vez, é a ação de segurar

---

<sup>10</sup> **NO MEIO DO CAMINHO**

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho

(Carlos Drummond de Andrade, 1928)

a pedra “[a]o meio-dia em ponto, na avenida/ ensolarada” que confere identidade não ao eu-lírico, mas àquele a quem esse se dirige. Por outro lado, a forma como o eu-lírico invade o interior do destinatário-personagem que segura a pedra, descrevendo-a a partir da experiência tátil (“objeto frio”) perceptível ao ter-se o objeto na mão, assim como a descrição de aspectos subjetivos desse destinatário, nos versos finais, em que afirma “Segurando-a/ com amor e raiva.”, sugerem a possibilidade de estarmos diante de um desdobramento do eu-lírico, como se ele se dirigisse a si próprio. Essa atitude seria coerente com a importância social que ganha, dentro do poema, o ato de segurar a pedra, sugerindo um eu-lírico precisando confirmar-se do que está ocorrendo. O poema seria, nessa óptica, um monólogo interior, revelando a um eu-lírico cindido em relação a si mesmo, não diante da pedra, mas da ação que essa pedra possibilita.

A pedra é descrita, principalmente, em função de sua forma: “poliedro imperfeito,/ duro e poeirento”, apertado contra a mão, é “frio,/ redondo aqui, acolá acerado”. O penúltimo e o último versos da primeira estrofe são idênticos e abordam a descrição da pedra-objeto “redondo aqui, acolá acerado”. A repetição confere importância a imagem sugerida que é a da ponta de uma lança. O adjetivo “acerado” é definido no dicionário como: “afiado, aguçado, cortante”<sup>11</sup>. Assim, a pedra se torna potencialmente perigosa, podendo mudar a sua identidade de pedra para arma conforme o uso que ela tiver “em tua mão”.

Ela, sozinha, é uma “coisa inócua,/ todavia poderosa, tensa”, dependente do destino que a mão lhe der. Retomando o poema de Drummond, se a pedra é elemento da construção da identidade do homem, esse é também o que, pela ação, há de conferir identidade à pedra, identificando-a pela palavra e construindo um ímpar jogo de tensões em que a pedra se define, pelo homem, como arma, mas também o define como aquele que pode tornar-se violento na ação de transformar essa mesma pedra em arma. A pedra que pode tornar-se arma pela ação de um eu que se sente fragmentado, cindido e o eu que, ao conferir o novo estatuto à pedra, vê-se, necessariamente, recebendo uma outra identidade que não conhece muito bem, nem sequer sabe se poderá suportar. Com a pedra na mão, ele é “um homem/ um pouco diferente”; diferença que tende a aumentar conforme se realizar o ato que se insinua, ou seja, passar-se da reflexão para a ação. É o ato que define esse homem, mas tal ato inicia-se no pensamento sobre a pedra que surge no caminho.

A situação de extrema tensão e angústia tanto interior como exterior, abordada no poema, remete-nos ao passado de Moçambique, marcado por injustiças, revoluções e guerrilhas, desde antes mesmo de sua independência de Portugal, época em que se situa a edição do poema (1962). Uma Moçambique desejando ser nação e liberar-se do jugo salazarista português.

---

<sup>11</sup> FERREIRA (1986: 27)

Mas, ao não ter o seu espaço e tempo claramente definidos, remete-nos também a todas as situações de angústia extrema sentidas por qualquer falante da língua portuguesa, diante de um amplo leque histórico de injustiças sociais sofridas neste século e coincidente com a época da procura pela modernidade, em um quadro em que ao ser humano pouco mais parece restar que despir-se de sua condição de “civilizado” e retornar a um passado primitivo e selvagem. A arma, então, não seria a baioneta ou outro produto da tecnologia moderna, mas uma pedra segurada por uma mão e que nela se transforma em arma letal. Ser moderno é, neste contexto, pela força da coação externa, um retorno a uma condição primitiva de ser humano.

Tudo o que se sabe sobre o tempo é que “meio-dia em ponto”. Chevalier e Gheerbrant afirmam: “O meio-dia marca uma espécie de instante sagrado, uma parada no movimento cíclico, antes que se rompa um frágil equilíbrio e que a luz se incline rumo a seu declínio. Ele sugere uma imobilização da luz em seu curso - o único momento sem sombra - uma imagem de eternidade”<sup>12</sup>. No poema, “meio-dia” parece ressaltar tanto um instante de tensão interna que se prolonga rumo à eternidade, o homem frente ao que se pode tornar com a pedra na mão, como a tensão externa que obrigou tal homem a colher a pedra na mão procurando romper com um frágil e injusto equilíbrio.

Sobre o espaço, somos informados que o homem com a pedra na mão está “na avenida”. O dicionário confirma aquilo que a nossa experiência pessoal já conhece: a avenida distingue-se da rua pela sua importância. Esse traço semântico de “importância” associado a avenida reforça a imagem geral de tensão e transformação que não é apenas interna, mas é principalmente motivada por uma condição alterada. O tempo presente está no mais íntimo do ser que colhe a pedra e pode mudar e progredir, ou não, a sua condição e o seu destino. Não somos informados do que ocorre a seguir, a realidade desse homem com a pedra na mão projetando-se como lança para o interior do leitor, onde se constrói o seu conceito de modernidade.

É muito ampla a possibilidade que o poema de Rui Knopfli oferece para a exploração didática em sala de aula. De aspectos históricos, sociológicos e geográficos em que emerge como pólo fulcral de qualquer realização o ser humano a questões filosóficas em que se considera a importância da história social do indivíduo no processo de construção da identidade. Se o tomar posse da pedra e agir com ela é o que definirá a identidade do homem que a encontrou, igualmente é o tomar posse do texto literário e interagir com ele que permitirá que o aluno construa a sua identidade como leitor.

O importante é destacar que há muito a fazer dentro da sala de aula, quando desejamos estudos literários que revertam em colaborar na construção de um aluno leitor de literatura e não apenas em um colecionador de datas,

---

<sup>12</sup> CHEVALIER E GHEERBRANT (1982: 603)